

Revistas: desafio pedagógico no ensino de Jornalismo

Marli dos Santos¹

Mônica Pegurer Caprino²

Resumo

O trabalho discute a dificuldade de se produzir revistas impressas nos cursos de Jornalismo. As autoras partem de revisão bibliográfica e, por meio de experiências em sala de aula, levantam algumas questões: ausência da disciplina de jornalismo em revista em muitos currículos; doutrinação dos alunos para os padrões jornalísticos da imprensa diária e pouca ênfase nas aulas aos aspectos visuais do jornalismo impresso. Concluem que o desafio é dos professores, que devem incentivar a produção criativa.

Palavras-chave: Jornalismo de revistas. Produção de revistas. Revista-laboratório. Dificuldades no ensino de Jornalismo.

Introdução – um pouco de história



jornalismo em revistas, no Brasil, é quase tão antigo quanto a modalidade dedicada à produção de jornais diários. Logo após a publicação do primeiro jornal

¹ Graduada em Jornalismo e Publicidade pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e doutora em Comunicação pela ECA/USP. Leciona a disciplina *Narrativas Jornalísticas* no curso de Graduação de Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo, além de ser professora de cursos de pós-graduação lato sensu da mesma universidade e da Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP. Endereço eletrônico: marli.santos@metodista.br

² Graduada em Jornalismo e em Letras pela Universidade de São Paulo, mestre e doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. É professora dos cursos de Jornalismo da Universidade Municipal de São Caetano – Imes e da Universidade Metodista de São Paulo, na área de jornalismo impresso e redação jornalística. Endereço eletrônico: mcaprino@uol.com.br

SANTOS, Marli dos; CAPRINO, Mônica Pegurer. Revistas: desafio pedagógico no ensino de jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.87-105, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

brasileiro, *Correio Braziliense*, em 1808, surge a primeira revista do país, em 1812. Segundo aponta Maria Celeste Mira (2001, p. 14), teria sido criada por iniciativa do editor português Antonio da Silva Serva. *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (era comum à época as publicações terem dois nomes, por influência de uma tradição norte-americana) tinha como objetivo “defender os costumes, as virtudes morais e sociais”, publicando “extratos de romance, resumos de viagens, trechos de autores clássicos” e até conselhos domésticos (Mira, 2001, p.14).

As primeiras revistas eram – como muitas são até hoje – cópias de edições estrangeiras, e pretendiam se constituir como “painel de toda civilização humana”. Porém, a vocação para a segmentação manifesta-se já em 1852, com a criação de dois veículos voltados ao público feminino: *Jornal das Senhoras* e *Jornal das Moças Solteiras*.

Segundo Thomaz Souto Correa (2006), as revistas femininas se multiplicaram no século XIX. Tinham uma fórmula editorial dedicada basicamente aos afazeres do lar, às novidades da moda, moldes de roupas e monogramas para bordar, como acontece até hoje com algumas publicações.

No século XX, surge a lendária *O Cruzeiro*, que foi um marco no jornalismo brasileiro. Semanal ilustrada, a revista valorizava a fotografia e a reportagem. As matérias eram produzidas em parcerias, fotógrafo e repórter, de forma que as páginas revelavam, em foto e texto, o tema da reportagem.

O Cruzeiro reinou absoluta nas décadas 40 e 50, tornando-se uma espécie de Rede Globo da época, pela repercussão de seu material jornalístico. O início da segmentação (na década de 60, com a criação de *Claudia*, *Quatro Rodas* e outras) e o fortalecimento da televisão fizeram com que a fórmula das semanais ilustradas entrasse em declínio. Surgiram as revistas semanais de informação, como *Veja*, e a segmentação do mercado se acelerou nos anos 80. Há, hoje, um sem-número de títulos. A cada ano, centenas deles nascem e morrem.

Marília Scalzo (2003, p. 61) observa que “é o plano editorial que vai alimentar o plano de negócios e, por consequência, deve representar a visão exata da redação sobre a publicação, e sua relação com o leitor”. A autora ressalta que o plano deve conter a “missão, os objetivos e a fórmula editorial”, bem como o perfil dos leitores, a concorrência, “cenário futuros”. O dinamismo do mercado enseja que o “plano editorial” deva ser sempre revisto, para atualizar-se segundo as demandas do leitor e da realidade da concorrência.

A proliferação de títulos tornou-se uma realidade, com a globalização, a segmentação em escala planetária e a tecnologia, cada vez mais acessível. É possível observar, a partir de dados divulgados pela Associação Nacional de Editorias de Revistas – Aner, que somente o número de títulos registrados nessa associação subiu de 2.034, no ano 2000, para 3.651, em 2005.

Embora instável, com títulos efêmeros, o mercado de revistas é hoje um campo de trabalho importante para os alunos de Jornalismo. Dessa forma, torna-se imprescindível que os estudantes apreendam, ainda na faculdade, as características básicas da produção de revistas e possam estar preparados para se engajar nesses veículos.

Veículo que exige criatividade

A revista sempre foi um veículo impresso que se diferenciou por algumas características específicas, que podemos sintetizar em três aspectos: linguagem, reportagem e apresentação visual. E são justamente esses três aspectos os pontos que devem ser trabalhos com os alunos de Jornalismo e que, veremos adiante, causam dificuldades e entraves na produção de uma revista-laboratório.

Sérgio Vilas Boas (2000) caracteriza a linguagem utilizada nas revistas como um texto que requer planejamento e talento, uma “conciliação entre arte e técnica” e usa para esse texto destinado às revistas o nome de estilo magazine, já utilizado anteriormente por Nilson Lage (1979).

Poderíamos elencar características próprias, que diferenciam a linguagem das revistas em relação aos diários: títulos nominais (em contraposição ao esquema sujeito-verbo-predicado do jornal diário); possibilidade de uso de adjetivos e coloquialismos; presença

de elementos narrativos e descritivos; ênfase aos personagens e falas com possibilidade de apresentação em forma de diálogos e travessões.

Também é necessário mencionar a constante desobediência ao princípio da pirâmide invertida e ao lead tradicional. O texto de revista trabalha com aberturas de reportagem, que têm como função chamar a atenção do leitor e conduzi-lo ao prazer da leitura. (Possendoro, 2004).

No seu aspecto visual, a revista também tem suas características próprias, como o uso privilegiado da imagem, seja foto ou ilustração. O infográfico também ganhou papel de destaque na edição das revistas e hoje é elemento fundamental para a transmissão de informações.

No que se refere às técnicas de reportagem, também há um trabalho diferenciado. As entrevistas por telefone e e-mail, tão comuns hoje no jornalismo diário, devem dar lugar aos interlúdios pessoais, à presença do repórter no local dos fatos jornalísticos, para que possa recorrer aos recursos da narração e descrição, necessários a que se dê o colorido especial ao jornalismo de revista.

Na reportagem aprofundada, exige-se a capacidade de interpretação e o “faro” de repórter. As chamadas “entrevistas de compreensão”, mencionadas por Lima (2004), são uma técnica na qual a interação com o entrevistado é importante para mergulhar no universo do que será revelado.

É quando o repórter deixa de encarar o entrevistado somente como aquele que confirma ou nega a macro-proposição da matéria, para tomá-lo como possibilidade de enriquecimento no tratamento do fato jornalístico. Como o jornalismo é a “linguagem dos conflitos”, conforme afirma Chaparro (2001), o entrevistado tem muito a dizer e é preciso que o repórter o deixe à vontade para as revelações. Quando esse procedimento é realizado, a riqueza é muito maior, pode-se sair do comum, do vulgar, para ampliação de significados e a contextualização dos fatos.

Entrevistas bem conduzidas ajudam a reconstituir cenários, personagens, perfis psicológicos, aprofundam a reflexão e a contextualização e humanizam os acontecimentos. Humanizar significa tornar a narração mais próxima do leitor, revelando o que há por trás das estatísticas.

Mas será que todas essas características que fazem da revista um veículo de virtudes próprias no panorama do jornalismo impresso estão sendo absorvidas e praticadas pelo estudante de Jornalismo? E mais: esses aspectos estarão sendo incentivados pelos professores de Jornalismo durante sua prática pedagógica?

Ensino para revistas

A causa para se discutir o ensino de revista é a mesma que Lopes (1999) ressalta em “Para uma pedagogia do jornal-

laboratório”. Recuperando o histórico mais recente da profissão, o professor analisa que a regulamentação em 17 de outubro de 1969, Decreto-Lei 972, e o fim da obrigatoriedade de estágio em 1979, Lei nº 5.454/78, estimularam a inserção de disciplinas práticas nos cursos, das oficinas de jornalismo, para suprir as necessidades de formação.

A partir de 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases e a flexibilização dos currículos de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, o MEC – Ministério da Educação e Cultura, passou a determinar como um dos critérios de qualidade nos cursos o oferecimento de infra-estrutura tecnológica para o ensino das diversas linguagens jornalísticas. As escolas tiveram de se adequar para as disciplinas práticas, em rádio, TV, impresso e digital e um perfil mais técnico passou a dominar o cenário. Segundo Lopes (1999, 11),

Essas duas medidas evidenciaram a importância do jornal-laboratório na formação do jornalista. Afinal, era e praticamente continua sendo o único meio de dar um treinamento adequado ao aluno para que possa colocar em execução os conhecimentos teóricos obtidos nas disciplinas de caráter técnico-profissionalizante.

Sabe-se, porém, que a prática de estágios em jornalismo tem ocorrido de forma “clandestina” em diversos veículos e assessorias de imprensa, mesmo após o fim da obrigatoriedade do estágio e a fiscalização (precária) do Sindicato dos Jornalistas a evitar a contratação de estagiários.

Nesse panorama, a prática laboratorial torna-se fundamental, e deve se estender à produção de todas as mídias, incluindo as revistas que, como foi dito anteriormente, têm características próprias a serem apreendidas.

Embora vários cursos de Jornalismo produzam revistas, uma rápida pesquisa às grades curriculares dos cursos de Jornalismo apontados pelo *Guia do Estudante* como cinco e quatro estrelas, notamos que dificilmente existe uma disciplina que apareça na grade com o título “jornalismo em revista”. A produção desse veículo aparece, muitas vezes, sob a rubrica de disciplinas como *Redação Jornalística* ou *Edição*.

Na grade da Universidade Federal de Santa Catarina, não encontramos nenhuma disciplina que apareça no currículo nominalmente vinculada à produção de revista. O mesmo acontece na Universidade de Brasília. Na Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo, encontramos a disciplina optativa chamada *Laboratório de Jornalismo Impresso – Revista*, além de *Edição de Texto em Revistas* e *Edição de Imagem em Revistas*.

Nos Estados Unidos, a Escola de Jornalismo da Columbia University, em Nova York, já tem um mestrado de caráter profissionalizante com área de concentração Jornalismo em Revistas, conforme relata Iluska Coutinho (2004), que realizou um curso naquele país.

Ela conta que em 2004, a maioria dos 350 estudantes de pós-graduação, 76%, optou pela especialização em mídias impressas

(Newspaper e Magazine Journalism) e 34% especificamente em revistas. Na Escola de Jornalismo da Columbia, o estudante do mestrado em Magazine Journalism cursa disciplinas como *Redação para Revista*, *Jornalismo Literário*, *Escritura Narrativa*, *A Literatura de Não-ficção* e *Produção de Revista*. Além disso, o curso é voltado também à prática e, ao final, os alunos estão aptos a ingressar com sucesso no mercado profissional.

No Brasil, não existe curso universitário específico. Como aponta Coutinho (2004),

os jornalistas brasileiros interessados nessa formação podem contar com: 1) o curso da Editora Abril, destinado a profissionais em início de carreira; 2) especializações ou cursos de capacitação eventualmente oferecidos por instituições privadas (e portanto sem uma avaliação continuada de sua qualidade) ou 3) pelo autodidatismo. Nesse caso há ainda que se destacar a bibliografia reduzida sobre o assunto disponível em língua portuguesa.

Durante quatro semanas, os alunos assistem a palestras, participam de workshops e produzem material jornalístico para revistas, sites, televisão e celulares. Parte dos trabalhos fazem parte da revista *Plug*: uma publicação anual que canaliza a produção dos alunos do curso.

O primeiro curso da história da Editora Abril aconteceu em março de 1968. Cem jornalistas de diferentes estados foram selecionados entre 1.800 candidatos. O objetivo era ensinar a fazer jornalismo em revista semanal. Foi desse grupo que saiu a primeira equipe de *Veja*.

Inspirada nessa experiência de 1968, a idéia de um curso de formação foi retomada por Alberto Dines, em 1984, com a criação do Curso Abril de Jornalismo em Revistas. Inicialmente formatado em palestras, o curso foi transformado em uma espécie de estágio rápido e, a partir de 1993, passou a formar, também, além de jornalistas, fotógrafos e *designers*.

Segundo a própria editora, o Curso Abril de Jornalismo “é o mais prestigiado programa de treinamento editorial para recém-formados do Brasil”. Além de selecionar mão-de-obra para a própria empresa, preenche essa lacuna de formação para o mercado de revistas. Formação ou treinamento? Essa seria uma outra discussão, sobre o papel formador dos *trainees* de grandes empresas jornalísticas.

A prática da sala de aula

A partir das experiências de sala de aula, à frente de disciplinas ou trabalhos de conclusão de curso que envolvam a produção de revistas impressas, podemos apontar as fases de trabalho geralmente desenvolvidas por professores e alunos e as dificuldades que aparecem nessa produção.

Geralmente, a produção de revista é feita nos semestres ou períodos letivos finais dos cursos de jornalismo e/ou somente no

Trabalho de Conclusão de Curso, quando a modalidade é oferecida como opção aos alunos.

Dessa forma, normalmente os alunos chegam ao trabalho de produção de revista depois de terem passado por experiências práticas voltadas à produção de jornais, boletins ou *sites*.

Para a produção de revistas, a proposta é o desenvolvimento e a evolução das técnicas de reportagem e de texto. Quando a prática ocorre antes do TCC, o trabalho desenvolvido em alguma disciplina dos últimos períodos é apresentado como preparo para essa fase final da formação. O objetivo é o aprofundamento, a autoria na produção jornalística.

Na rotina da sala de aula, após ministrar conteúdo teórico sobre histórico, perfil e mercado de revistas e as técnicas de reportagem e texto em matérias para revistas, os alunos começam a discutir o tema da reportagem e a elaborar a pauta.

A etapa seguinte é a de orientação individual para elaboração da reportagem, ou seja, a captação de informação por meio de entrevistas, observação do fato, dos personagens envolvidos, como “procedimento de extensão” da pauta. Nesse momento da produção, estimulamos o aluno a sair às ruas, a observar cenários pertinentes ao tema, a aplicar técnicas de entrevista.

Nessa fase, a sensibilidade e a perspicácia do repórter ao abordar a fonte são fundamentais. Se o entrevistado não se sentir seguro quanto às suas intenções, tampouco observar nele conhecimento prévio do assunto, o “clima de conexão” necessário à

condução do trabalho de reportagem é prejudicado. Algumas experiências são reveladoras aos alunos e relatadas por eles ao longo da orientação de reportagem. O domínio da técnica exige prática e maturidade, porém, quando o aluno percebe o diferencial que uma boa entrevista propicia à reportagem, supera a mera instrumentalização da fonte para confirmar idéias pré-concebidas sobre o assunto abordado, enriquecendo seu trabalho. Romper essa barreira é um desafio.

A observação direta do fato, do comportamento dos entrevistados e a pesquisa documental também fazem parte do “modus operandi” da reportagem aprofundada. Sair às ruas significa estar em contato com a realidade, e na tarefa do repórter, como sujeito que interpreta e narra os acontecimentos do mundo, é um procedimento fundamental.

A etapa em que culmina a produção do aluno é a organização e análise das informações e das observações de campo em um texto atraente para o leitor. As perguntas são sempre as mesmas: Como iniciar o texto? Que estratégias deverá utilizar? O que priorizar?

Um bom texto de revista é resultado direto do envolvimento do repórter com a reportagem. Isso quer dizer também que o empobrecimento do texto é diretamente proporcional ao nível de empenho na fase de pesquisa, entrevista e observação. A criatividade requer vivência na reportagem, não invenção.

Esse é o momento do aluno romper com a fórmula padrão do lide, da pirâmide invertida, para inserir a sua marca no relato, a sua

autoria na narração. Várias são as técnicas emprestadas da literatura, agregando ao texto um valor estético, como a descrição, o diálogo, a narração, a exposição, a edição, o ponto de vista. A camisa-de-força na qual muitos voluntariamente, ou inconscientemente, se apegam como tábua de salvação apenas permite o óbvio: uma reportagem assinada pela redação ou pelo repórter, tanto faz.

Dificuldades

As dificuldades dos alunos de jornalismo em trabalhar para revista são inúmeras. As experiências vivenciadas por nós são, com certeza, semelhantes às que outros docentes enfrentam no seu dia-a-dia.

A primeira dificuldade começa na pauta: direcionados e doutrinados normalmente para a produção de matérias factuais, para a notícia, os alunos têm dificuldade em produzir pautas mais criativas. A maioria de suas sugestões está voltada para o imediatismo. Não conseguem, muitas vezes, sugerir temas que não percam a validade ou possam gerar matérias mais aprofundadas.

Outro problema é a falta de pesquisa. Geralmente, quando se pede a realização de uma pauta mais completa, na qual o aluno faça uma investigação prévia para conhecimento do assunto e definição do enfoque, há resistências. O comportamento é o de não-valorização do planejamento como procedimento da reportagem.

A partir do momento em que o aluno resiste à pesquisa, a falta de criatividade é consequência no processo. Isso se revela em pobres pautas nas quais históricos, fontes e enfoques são precários.

Segundo Lima (2004), uma boa reportagem começa com uma boa pauta:

Onde começa a nascer esse desvio e qualidade da reportagem? Como primeira etapa do processo de produção da mensagem jornalística, a pauta é a definição de rumos, o estabelecimento de diretrizes que, quando mal-administradas, conduz a matéria a terrenos pouco férteis. Seria como o prepara da navegação de um avião a jato de passageiros. Antes da decolagem, os pilotos inserem no computador de bordo as coordenadas do destino e da rota que vão cumprir para atingi-lo. Caso as coordenadas sejam viciadas, naturalmente a navegação será pobre, menos eficiente, podendo hipoteticamente chegar, em condições extremas, a se desviar totalmente do destino previsto. (2004, p.68).

É evidente a dificuldade em construir um bom “plano de vôo”, que inclua as etapas de pesquisa para um “histórico” consistente (que contenha principalmente síntese do tema), de “fontes” não convencionais (ou não só as convencionais), para aprofundar o assunto da reportagem e expandir os significados do fato abordado; de “enfoque” ou “angulação” diferenciada da matéria, permitindo maior liberdade ao repórter.

Este último item, por exemplo, tem sido um dos desafios no ensino de revista. Não se trata de descobrir ângulos mirabolantes, mas de trazer ao leitor de um determinado veículo, como uma

revista especializada, assuntos interessantes ao público-leitor e de acordo com o plano editorial da publicação.

A dificuldade parece ser reflexo da falta de assimilação de procedimentos e conceitos básicos abordados em disciplinas como *Teoria do Jornalismo*, *Teorias da Comunicação* e oficinas. Perfil e missão editorial e imagem do público leitor são fundamentais para o entendimento e adequação da pauta criativa.

Alguns conseguem avançar, outros mostram resistência, e há aqueles que realmente não conseguem enxergar a diferença entre a reportagem descritiva diária de jornal e a de revista.

Na bibliografia sobre a grande reportagem, e na história do jornalismo, verifica-se que as boas reportagens são resultado de um contato mais próximo, mais efetivo, mais elaborado, com a realidade. Porém, a superficialidade, consequência de um jornalismo burocratizado, de gabinete, no qual a urgência imprime um ritmo alucinante e alienante, a fórmula-padrão acaba sendo a opção mais fácil e econômica para se produzir reportagens. Isso acontece nos cursos de jornalismo bem como na vida profissional.

Importante observar que os veículos de comunicação continuam cobrando dos cursos de jornalismo um profissional atualizado, com boa formação cultural, capacidade de interpretação dos fatos. Mas as condições de produção aos que ingressam hoje nas redações não são propícias para a efetivação e a valorização desses procedimentos qualitativos na reportagem. O excesso de pautas e a concorrência são hostis ao bom jornalismo.

Esse aspecto enseja discussões mais aprofundadas não propostas neste artigo, porém também pistas para explicar qualidades e precariedades na formação de profissionais e no exercício do jornalismo.

É comum observar alunos que, adestrados na ideologia da objetividade e da imparcialidade jornalística, mostram-se refratários aos objetivos e procedimentos propostos na disciplina voltada às reportagens para revistas. De outro lado, é possível também verificar que aqueles que superaram esse ranço e recuperaram o sentido da “arte da reportagem” dão um salto de qualidade.

Em termos de estilo, ainda é estranho ao aluno ouvir falar de jornalismo literário. Como destaca Sérgio Vilas Boas, antes de tudo, não se deve confundir Jornalismo Literário (JL) com jornalismo sobre literatura. Por incrível que pareça, esse engano ainda circula entre universitários e até entre jornalistas velhos de guerra.

Depois de treinar durante dois os três anos (pois normalmente a produção de revistas está nos últimos anos de curso) o texto para jornal, acham no mínimo esquisito o professor que sugere que se insiram diálogos, travessões etc.

Em relação ao Planejamento Gráfico, os alunos também se encontram despreparados: o ensino se volta mais ao jornal, com trabalho direcionado a padronizações e módulos.

O estudante de Jornalismo, e talvez por uma idiossincrasia da orientação do curso, acaba valorizando o texto, a reportagem, a redação e esquece-se, muitas vezes, do material visual ao elaborarem

uma revista laboratório. Ao longo de vários anos lecionando a disciplina que engloba produção de revistas, um dos maiores problemas que enfrentamos é em relação ao material visual. De maneira geral, é de baixa qualidade do ponto de vista jornalístico e/ou técnico. Isso nos leva a crer que não estamos dando a devida ênfase ao aspecto visual do jornalismo. Nos cursos de jornalismo são poucas as matérias voltadas à concepção estética de páginas de veículos impressos.

Quando muito, nossas disciplinas de Planejamento Gráfico têm direcionado o aluno para o aprendizado de *softwares* de paginação, como *In Design* e *Pagemaker* (inclusive já superado no mercado profissional).

Em relação à disposição do material jornalístico nas páginas, os alunos exercitam essa atividade em geral nos jornais laboratórios e, muitas vezes, já encontram um projeto gráfico pronto, pois o jornal-laboratório da Universidade é um veículo dado pronto para as novas turmas. Assim, não criam seu projeto gráfico, mais uma vez não exercitam sua criatividade, limitando-se ao uso de padrões pré-estabelecidos.

Conclusão

A transmissão de padrões parece ser uma importante questão a discutir no ensino de jornalismo de revistas. E, por consequência,

no ensino de jornalismo em geral: O que temos passado a nossos alunos? Padrões de texto, de planejamento gráfico? De concepção visual?

Esse acanhamento em transmitir padrões para o engajamento no mercado de trabalho dificulta, também, a produção dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Na orientação de projetos de impresso, percebemos as mesmas dificuldades apresentadas na produção de uma revista-laboratório.

É de extrema necessidade e urgência que os cursos de jornalismo insiram em suas grades curriculares a disciplina de jornalismo em revista, voltada não só à produção de um veículo laboratório, como também à reflexão sobre as particularidades dessa mídia.

Cabe aos cursos de jornalismo e aos docentes responsáveis por disciplinas teórico-práticas, práticas, e mesmo as teóricas, estimularem o aluno, à luz do interesse público e do compromisso social do jornalista, a ser um autor, um historiador do cotidiano, um contador de histórias de não-ficção, um sujeito jornalístico e não um mero operário da informação. Uma pedagogia da criatividade no jornalismo é urgente.

Bibliografia

CORREA, Thomaz Souto. Uma breve história das grandes revistas. **Curso Abril de Jornalismo**. Disponível em: http://cursoabril.abril.com.br/materia_84318.shtml. Acessado em

SANTOS, Marli dos; CAPRINO, Mônica Pegurer. Revistas: desafio pedagógico no ensino de Jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.87-105, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

15/4/2006.

COUTINHO, Iluska. Novas opções na Universidade de Columbia. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=294DAC00214/9/2004>.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. Barueri: Manole, 2004.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório – Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

POSSENDORO, Alexandre. **Abertura do Texto de Reportagem na Narratologia Jornalística - uma proposta de classificação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUTO CORREA. **Uma breve história das revistas**. Disponível em: http://cursoabril.abril.com.br/coluna/materia_110318.shtml

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 2000.